

Cadernos de teoria e história do design

volume 3 - 2025

Ronaldo de Oliveira Corrêa (org.)

Narrando
memórias:
um exercício
de reflexão

Cadernos de teoria e história do design

Narrando memórias: um exercício de reflexão

Volume 3 - 2025

Curitiba - Paraná

Autores

Anna Lucia da Silva Araújo Vörös

Bolívar Teston de Escobar

Bruna Carmona Bonifácio

Estêvão Lucas Eler Chromiec

Juarez Bergmann Filho

Leandro Tadeu Catapam

Rodrigo Mateus Pereira

Ronaldo de Oliveira Corrêa

Valéria Faria dos Santos Tessari

Yasmin Fabris

Organização

Ronaldo de Oliveira Corrêa

Revisão

Rebeca Pinheiro Queluz

Projeto gráfico

Júlia Fernandes Corrêa

Licença



Creative Commons CC BY-NC-ND

Catálogo na publicação

Universidade Federal do Paraná - Biblioteca de Ciências Humanas

C122 Cadernos de teoria e história do design [recurso eletrônico] : narrando memórias, um exercício de reflexão. / Anna Lucia da Silva Araújo Vörös... [et.al.], organização: Ronaldo de Oliveira Corrêa, revisão: Rebeca Pinheiro Queluz. – Curitiba : Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Design, 2025.

1 recurso online : PDF.

e-ISBN 978-65-5458-409-8

1. Artes gráficas - História – Brasil. 2. Desenho industrial - História. 3. Memória coletiva. I. Vörös, Anna Lucia da Silva Araújo. II. Corrêa, Ronaldo de Oliveira. III. Queluz, Rebeca Pinheiro. IV. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Design. V. Título.

CDD – 745.2

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9º/1607



PPGDesign UFPR
Universidade Federal do Paraná
R. General Carneiro, 460 - Oitavo andar - Curitiba/PR

memória



Sumário

06_11

Introdução
**Narrando memórias para exerci-
tar a reflexão**
Ronaldo de Oliveira Corrêa

12_23

**Como tornar-se um(a) designer-
-historiador(a) do design?**
Yasmin Fabris

24_31

**Um encantamento pela pesquisa
rigorosa e metodologicamente
científica, para assim, se permi-
tir radicalmente sensível**
Bruna Carmona Bonifácio

32_41

**Rastros em espaços matemáti-
cos: evidências para uma pes-
quisa histórica?**
Bolívar Teston de Escobar

42_51

**Ensaio sobre a experiência da pós-
-graduação**
Estêvão Lucas Eler Chromiec

52_57

Depoimento
Leandro Tadeu Catapam

58_67

**Um doutorado não é feito só com a
cabeça**
Anna Lucia da Silva Araújo Vörös

68_73

Entre o design e a luteria: trajetórias
Rodrigo Mateus Pereira

74_83

Vitrines de memórias
Valéria Faria dos Santos Tessari

84_93

**Escutar, fazer, compreender: vivên-
cia acadêmica entre sons e saberes**
Juarez Bergmann Filho

94_99

Sobre as(os) autoras(es)

Apresentação

Narrando memórias para exercitar a reflexão

Ronaldo de Oliveira Corrêa

Os cadernos de Teoria e História do Design caracterizam-se por publicar textos em processo, experimentações com os gêneros acadêmicos, exercícios de disciplinas, vinculados à linha de Teoria e História do Design (THD) do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Paraná (PPGDesign-UFPR).

No terceiro volume a proposta foi ampliada para incluir nessa lista os depoimentos de egressos do PPGDesign-UFPR. Isso se dá em função das comemorações de 20 anos do PPG e os 50 anos dos cursos de Design Gráfico e de Produto da UFPR.

Em função das comemorações, a coordenação do PPG provocou as(os) professoras(es) a organizarem atividades, eventos, ações ao longo do ano de 2025.

Isso, como forma de respeitar a natureza de cada linha de pesquisa e como uma estratégia para apresentar múltiplas visões sobre o PPG e sua trajetória.

Tendo em vista o desafio proposto, na linha de THD organizamos uma ação de coleta de depoimentos das(os) egressas(os) do curso em nível de doutorado. Foram convidadas as pessoas que completaram sua formação entre os anos de 2021 e 2025 (primeiro trimestre).

Junto a essas pessoas, estendemos o convite a egressas(os) que defenderam suas pesquisas antes da formalização da linha de THD. Isso pelo fato dessas pessoas participarem das discussões sobre a formação da linha e por suas pesquisas anunciarem os temas que nos interessavam.

Esse caderno é resultado dessa articulação que produziu uma rede de pessoas e de afetos. As pessoas mobilizaram seu tempo para escrever narrativas memorialistas sobre suas experiências durante a formação no PPGDesign-UFPR. Somado a isso, inscreveram reflexões sobre as formas que as vivências na pós-graduação produzem pesquisadoras(es) e pessoas.

Temos aqui o interesse de registrar essas narrativas, pelo fato de que as histórias sobre as formas de vivenciar a pesquisa, ultrapassam os documentos de tese e relatórios de pesquisa. **Entendemos que na construção das redes de estudo e solidariedade, nos momentos de sociabilidade e encontros, a pós-graduação é habitada de desejo e vida!**



Como tornar-se um(a) designer-historiador(a) do design?

Yasmin Fabris

Minha constituição como designer-pesquisadora-professora foi – e continua sendo – profundamente marcada pelo Programa de Pós-Graduação em Design da UFPR. Essa trajetória pode ser dividida em dois momentos, ou duas narrativas complementares: a experiência como estudante e a atuação como docente na Linha de Pesquisa em Teoria e História do Design. A relação que estabeleço com esse espaço é ambivalente, contraditória mas, sobretudo, afetiva. Embora tenha ingressado oficialmente no Programa apenas no processo de doutoramento, cursei disciplinas nesse *lugar* durante o mestrado e acompanhei de perto os esforços de consolidação de um grupo de pesquisa, articulado pelo professor Ronaldo Corrêa. Foi nesse contexto, por volta de 2019, que surgiu a possibilidade de uma trilha for-

mativa centrada na abordagem teórica e histórica do design. É preciso reconhecer o papel fundamental do professor e de seus(uas) orientandos(as) e, também, de colegas docentes que vieram a integrar a linha, na criação de um campo de estudo que amplia os horizontes da pesquisa em design no Brasil. **Foram eles e elas que conformaram uma possibilidade concreta de formação ancorada em fundamentos teórico-históricos-conceituais, deslocando o foco da tradição funcionalista e eurocentrada da historiografia da área e da abordagem prática das pesquisas realizadas na disciplina.**

A partir dessa formulação inicial, descrevo agora algumas premissas que orientaram minha formação no PPGDesign e que também informam minha prática docente. Em primeiro lugar, compreendemos, dentro da linha, que o design não se restringe a artefatos seriados surgidos com a Revolução Industrial (Calvera, 2013), nem a objetos que obedecem a lógicas formais e morais específicas – como a correspondência entre forma e função ou a plasticidade moderna (Campi, 2007). O design, ao contrário, é visto como uma área expandida, que abrange materialidades artesa-

nais, seriadas e industriais, mas também imaterialidades, como: práticas, saberes e repertórios. Interessa-nos ainda pensar nas estratégias de circulação e consumo do mundo material (Miller, 2007; 2013), suas rotas e desvios (Kopytoff, 2008), deslocando o olhar para além dos objetos legitimados pelos registros/institucionalidades oficiais do século XX. Essa visão se alinha à perspectiva de uma história social do design, como trabalhada nas disciplinas obrigatórias do programa, a partir de autores como Adrian Forty e Isabel Campi. Os artefatos são compreendidos não apenas como produtos técnicos, mas como mediadores de práticas sociais – materialidades que têm trajetórias de vida, que circulam, representam e moldam nosso cotidiano e subjetividades.

Essa abordagem foi fundamental para que eu pudesse estudar objetos populares, muitas vezes sem autoria reconhecida, dentro de um programa de pós-graduação em design. Também me permitiu investigar exposições como dispositivos capazes de enunciar histórias do design e da cultura material (Fabris; Corrêa, 2022), articulando visualidade, curadoria e políticas de representação. Nessa investigação, tive dois pressupostos especial-



mente relevantes. O primeiro é a concepção de que museus e exposições são dispositivos centrais na construção do conhecimento histórico (Meneses, 1994). O segundo é a ideia de que os artefatos agenciam relações sociais e podem ser compreendidos como documentos-objetos ou testemunhos materiais de eventos sociais, culturais e econômicos.

Essa visão ampliada do design não exclui o rigor metodológico. Ao contrário, minha trajetória de formação foi marcada por uma atenção constante às fontes, à crítica documental e às exigências da pesquisa histórica. Os teóricos com os quais dialogamos, influenciados pela Escola dos Annales, propõem uma concepção expandida de documento tomando “a palavra ‘documento’ no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou de qualquer outra maneira” (Samaran, 1961, p. XII). Assim, compreendemos que os vestígios materiais, como os registros fotográficos analisados na minha tese (Fabris, 2021), são indícios documentais fundamentais para acessar exposições passadas e reconstruir suas narrativas. Com base nos estudos da cultura material, defendemos que os corpos dos artefatos revelam mais do que

o partido estético adotado na sua concepção, nos permitindo acessar a biografia desses objetos: onde foram produzidos, por quais processos, por quais sujeitos, por onde circularam (Kopytoff, 2008).

Outro aspecto da formação no PPG-Design é a ênfase na interdisciplinaridade. A construção intelectual proposta pelo programa está em diálogo com áreas como a história da arte, a antropologia e a sociologia. Soma-se a isso uma escuta atenta às viradas epistemológicas das ciências humanas, como a linguística, a agentiva e a decolonial, e às abordagens críticas de gênero e raça.

Minha formação foi orientada por uma perspectiva situada (Giunta, 2022), que pensa a partir do Sul, ou seja, a partir de um território físico e simbólico que escolho privilegiar. Essa abordagem mobiliza o desenvolvimento de pesquisas com marcos teóricos regionais, voltadas a fenômenos e práticas do Brasil ou da América Latina. Trata-se, assim, de uma forma de pesquisa política, que reinscreve, em espaços tradicionalmente excludentes, artefatos, sujeitos e saberes historicamente não contemplados. Interessou-me durante a formação como designer-historiadora

do design, e continua me interessando, estar próximo a pesquisadoras e pesquisadores que tensionam as fronteiras da área e da historiografia oficial do design (Margolin, 2014), abrindo espaço para temas e questões que considero urgentes e relevantes, mesmo que estes não sejam identificados, por vezes, como objetos (de pesquisa) de design.

referências

CALVERA, Ana. Cuestiones de fondo: la hipótesis de los tres orígenes del diseño. In: CAMPI, Isabel et al. Diseño e historia: tiempo, lugar y discurso. México: Editorial Designo, 2013. p. 63-86.

CAMPI, Isabel. Lo funcional y lo funcionalista. In: CAMPI, Isabel. Diseño y nostalgia: el consumo de la historia. La Roca: Ediciones de Belloch/Santa & Cole, 2007. p. 107-117.

FABRIS, Yasmin. A mão do povo brasileiro: cultura material popular e os projetos modernizadores brasileiros (1969 e 2016). 2021. 339 f. Tese (Doutorado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

FABRIS, Yasmin; CORRÊA, Ronaldo de Oliveira. As exposições como fonte histórica para a disciplina de Design: aproximações para a formulação de um argumento. In: FABRIS, Yasmin; CORRÊA, Ronaldo de Oliveira (org.). Coletânea de estudos do PPGDesign/UFPR: novos horizontes da pesquisa em Design. [S.l.]: Blucher, 2022. DOI: 10.5151/9786555502312-01-01.

GIUNTA, Andrea. Contra o cânone: arte contemporânea em um mundo sem centro. Tradução de Eleonora Frenkel. Florianópolis: Editora Nave, 2022.

KOPYTOFF, Igor. Biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun (org.). A vida

social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Eduff, 2008. p. 89-122.

MARGOLIN, Victor. Políticas do artificial: ensaios e estudos sobre design. Rio de Janeiro: Record, 2014.

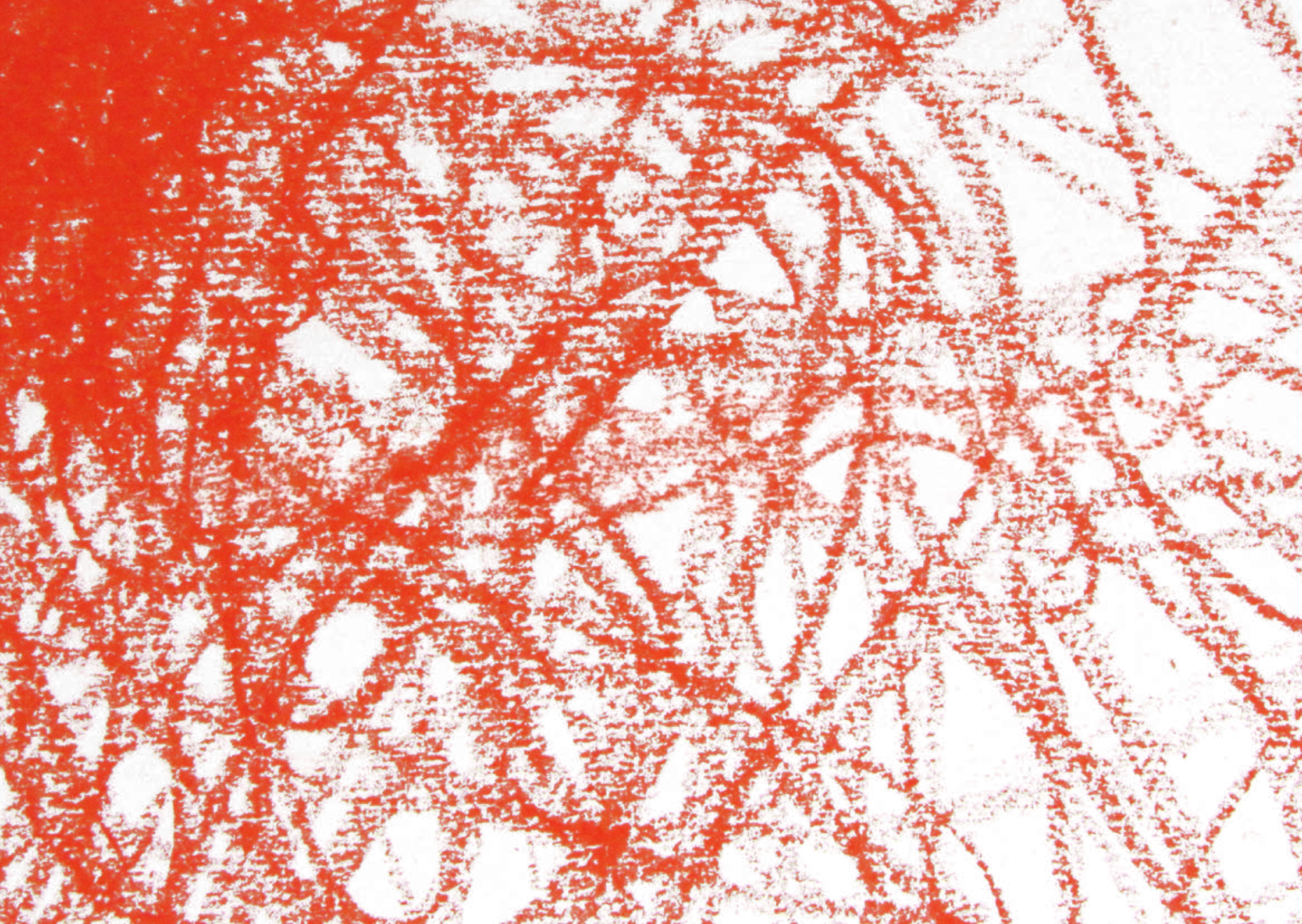
MENESES, Ulpiano Bezerra. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico (fim). Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 2, n. 1, p. 9-42, 1994.

MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 33-63, 2007.

MILLER, Daniel. Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SAMARAN, Charles. (org.) L'histoire et ses méthodes, em Encyclopédie de la Pléiade, XI, Gallimard Paris, 1962.





Um encantamento pela pesquisa rigo- rosa e metodologi- camente científica, para assim, se per- mitir radicalmente sensível

Bruna Carmona Bonifácio

Sou doutora em design pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Paraná na linha de pesquisa de Teoria e História (2024), mestra pela mesma instituição (2019), ambas sob orientação do Prof. Dr. Ronaldo Corrêa. Graduada em Design pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2013), com habilitação em design gráfico e design de produto, participei dos grupos de pesquisa “Design e Cultura” e “Teoria, História e Crítica do Design e Atividades Projetuais”. Atuo como designer gráfica e designer de superfície desde 2012, como projetista e como professora.

Iniciei minha pesquisa em 2017, tendo por resultado a dissertação “Experiências de mulheres no design de superfície: narrativas sobre o trabalho e trajetórias de Goya Lopes e Renata Rubim”. Em 2020 segui um dos caminhos da pesquisa e desenvolvi a tese “Experiências de Renata Rubim: narrativas de uma designer sobre a produção de espaços para um design de superfície feito no Brasil”.

A maior honra da trajetória como pesquisadora na UFPR foi ser recebida por Goya Lopes e Renata Rubim. Essas grandes expoentes do design – em generosidades tamanhas – estiveram disponíveis e interessadas em ser entrevistadas por mim. Cada uma a seu modo me permitiu acessar sua história de vida, as quais sinto uma lisonjeira responsabilidade em compartilhar.

Mesmo tendo sido diversas publicações, o material coletado permite desdobramentos sobre as produções dessas pioneiras, protagonistas e muito ativas até hoje, no alto dos seus 71 e 77 anos. Elas seguem buscando aprender sobre tecnologias e superfícies diferentes, abrindo caminhos em outras áreas.

Os eventos mais marcantes foram aqueles de construção coletiva, as trocas fortaleceram e expandiram a caminhada. Começando pelo grupo de orientação coletiva do Prof. Dr. Ronaldo Corrêa e a sensação de aprendizado, tanto de avaliação técnica e crítica, quanto de modos de ser pesquisadora. Sonhei com minha formação acadêmica, pois almejava atuar em sala de aula; ter podido acompanhar pesquisas de muita qualidade científica sendo realizadas com tanta sensibilidade nos temas, nas interlocuções e nas escritas foi um privilégio que me encantou e guiou. Grata em especial por Ana Claudia França, Aline Xavier, Carolina Rosenmann.

Em 2017 frequentei o projeto “Narrativas de Mulheres e Cultura Material” com convidadas como a Profa. Dra. Margareth Rago. Poder ter acompanhado a pesquisa empírica da Dra. Caroline Müller e seu processo de elaboração com as colaboradoras do acervo do Museu Paranaense foi uma experiência inspiradora para uma pesquisadora iniciante.

Em 2018 foi a vez do “Mulheres e Processos de Criação” com Profas. Dras. Lindsay Cresto, Ana Caroline de Bassi, Claudia Zacar, Marinês Ribeiro dos Santos, no Museu Alfredo Andersen. E, ao mesmo tempo, a rede de colegas pesquisadoras foi se criando e se nutrindo também em congressos, como o Colóquio de Moda com Maria Claudia Bonadio, Ana Julia Melo, Valeria Tessari, Anna Vöros, Hanayrá Negreiros.

Em 2020 estabeleci novas costuras, agora no PP-DESDI/UERJ. Como aluna externa conheci as pesquisadoras da Profa. Dra. Helena de Barros e do Dr. Gerson Lessa. Pude mediar a roda de conversa “Pesquisa em Design: Estabelecendo pontes virtuais” com as Profas. Dras. Marina Moraes, Priscila Zimmermann, Bianca Martins e Barbara Necyk. Essas pontes se estenderam, tendo a Profa. Dra. Helena de Barros participando das minhas bancas de doutorado (2022 e 2024) e do 1º Seminário de Teoria e História do Design do PPGDesign (2023).

Red

Fui bolsista Capes por boa parte da formação no PPGDesign e, para além de um dever, as práticas docentes com o Prof. Dr. Ronaldo Corrêa e Prof. Dr. Gabriel Rosenmann foram oportunidades de aprendizado e colaboração com profissionais que admiro.

Ainda sobre colaboração, destaco o projeto de extensão “Meninas e Mulheres nas Ciências UFPR”, um trabalho comprometido com a superação das desigualdades de gênero. Atuei, em especial, com curadoria e textos para o segundo volume do livro “Cientistas Negras Brasileiras” e com projeto gráfico e escrita para a série “Mulheres na História” (2021). Sigo na equipe do projeto.

Outro marco significativo se deu em 2023: o “VI Convegno Associazione Italiana Storici del Design”, Milão - Itália. Fui a única pesquisadora brasileira e a única do continente americano a apresentar um artigo no congresso, com pesquisadoras célebres da História do Design, como: Penny Sparke, Leah Armstrong, Letizia Bollini, Isabella Patti, Paola Antonelli.

Encerro o recordar afetoso com o momento memorável da defesa da tese, com recomendação a premiações (2024).

Após o encerramento da pesquisa tenho atuado como parecerista em texto da revista dObra[s] (2025); e membro de comitês científicos como o 3º Seminário de Pesquisa em Design UFPR (2024), o XV

Encontro de Pesquisa e Iniciação Científica e Tecnológica EPIC (2024), o Colóquio de Moda (desde 2023). Como projetos futuros, tenho o plano de ingressar e seguir na carreira como professora universitária de Design. Logo após defender minha tese, tive a oportunidade de atuar na Universidade Positivo, onde ministrei disciplinas para alunas(os) do 1º ano dos cursos de Design Gráfico e de Design de Produto, com temas sobre Materiais e Processos Gráficos e Sistemas de Identidade Visual.

Poder estar em sala de aula, compartilhar conhecimento, adquirir conhecimento dessa troca com elas e eles, poder contribuir com a abertura de caminhos e dividir um pouco do encantamento que tenho por criação e por projeto é o meu propósito.

Desejo seguir desdobrando as entrevistas, fotografias, documentos e dados sobre Renata Rubim e Goya Lopes, em textos, acervos públicos, quicá publicações e exposições, para homenagear os feitos delas e também para inspirar outras alunas(os) de design, pesquisadoras(es), professoras(es) a buscarem os registros de histórias de mais e mais mulheres atuantes no design brasileiro.

Rastros em espaços matemáticos: evidências para uma pesquisa histórica?

Bolívar Teston de Escobar

O que sobra no papel é secundário. O que importa é o que fica na sua cabeça. Se meus documentos parecem incompreensíveis, sejam espalhados fisicamente sobre a mesa ou como ícones em uma tela, isso não indica falhas em algum sistema. Eles não deveriam importar, pois não são nada além dos resquícios de um processo de transformação, tal e qual a pele seca de um réptil que acabou de trocá-la. A verdadeira tecnologia é o usuário. Ou seja: eu e você.

(Claire Evans, 2018, tradução livre)

O livro *Web Design: The Evolution of the Digital World 1990-Today*, escrito por Rob Ford e editado por Julius Wiedemann (Taschen, 2019), traz uma curadoria de capturas de tela. As imagens correspondem ao que a dupla de autores entende como registro das mais relevantes páginas da internet criadas durante o período englobado pela obra.

Paralelamente à leitura, a linha de raciocínio que Ford e Wiedemann empregaram para selecionar esses websites se desenhava. São representações dos primeiros artefatos da World Wide-Web a implementarem tecnologias específicas: imagens de webcam e geolocalização; ferramentas colaborativas de construção de conteúdo; clipes interativos de bandas que apostaram nesse novo meio para divulgar suas obras; e plataformas que testaram novas práticas, usando informações dos visitantes para emular experiências personalizadas.

Há uma lógica em jogo: o que determina a linha do tempo de Web Design é uma continuidade de artefatos que evidenciam mecanismos e sistemas cada vez mais sofisticados e persuasivos para os visitantes da rede mundial de computadores. Pelos sites apresentados, documenta-se um meio em constante evolução ou, até mesmo, “aperfeiçoamento”: apelativo para um número cada vez maior de pessoas, capaz de comportar as formas de expressão das visualidades pretendidas por seus engenheiros.

Antes do doutorado, minha experiência profissional foi duas vezes marcada por esse universo de telas interativas. Atuando na área do desenvolvimento de produtos digitais e tecnologia educacional, na Positivo, tive contato com as formas de trabalho propostas por esse meio: metodologias ágeis, prototipagem, a diferença entre os ambientes de homologação e produção, dentre outras coisas. Por outro lado, em minha breve passagem pelo magistério superior, fui encarregado de ensinar sobre tais formas de trabalho e suas contradições. A ementa da disciplina, no curso de Tecnologia em Design Gráfico, empregava o datado termo “Webdesign” para nomear um currículo voltado a atender as expectativas dos estudantes que queriam aprender sobre “UX” e “UI” Design: técnicas ancoradas na combinação de conceitos da psicologia comportamental aos padrões da linguagem gráfica para criar as interfaces usadas em aplicativos e sistemas informacionais.

Sou egresso da linha de pesquisa em Design de Sistemas de Informação, pela qual concluí minha pesquisa de mestrado. A decisão por retornar à pós-graduação se deve a uma soma de fatores: um desejo de empregar esse conhecimento de forma

crítica, e um sentimento pessoal de estar presenciando efeitos diversos advindos das mudanças das tecnologias da internet — nem sempre condizentes com o suposto aperfeiçoamento no qual o determinismo tecnológico nos induz a acreditar.

Os dois primeiros anos da minha pesquisa de doutorado foram dedicados quase que exclusivamente a encontrar uma pergunta para a minha pesquisa. Além de terem sido atravessados por intempéries diversas (a saber, duas trocas de orientação e um período pandêmico gerenciado por um governo federal tendenciosamente “anticiência”), ao longo desses dois anos o tema insistiu em se mostrar complexo, sem limites definidos ou bordas tangíveis. Dizer que o objeto de estudo de uma pesquisa seria “a internet” soa deveras amplo e até mesmo inconsequente. O que eu precisava, de fato, era apontar o dado pelo qual eu estava procurando quando falava de internet — elencar o elemento que representa mais fielmente uma redução da experiência que eu tomava como base para estudar essa tecnologia (Bernard et al., 1986).

A decisão de cursar a disciplina de História da Técnica e da Tecnologia, no Pro-

grama de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da UTFPR, foi um momento pivotal dentro desses dois anos de elucubrações. Foi lá que compreendi que a investigação historiográfica dos eventos humanos, quando focada nos artefatos técnicos, deveria considerar a trajetória de tais artefatos não pela sequência de inovações que caracterizam sua narrativa, mas pelo seu uso, isto é, pelas apropriações e significados registrados pessoas que com eles interagem.

O que minha pesquisa se propôs a demonstrar, a partir daquele momento, foi uma hipótese: talvez essa história poderia ser contada não somente pelos artefatos mais tecnologicamente notáveis, como também pelas diferentes formas de, por eles, “navegar”. Foi uma maneira de aliar meus “antecedentes”, enquanto designer da informação, à abordagem crítica da linha de pesquisa em Teoria e História do Design da UFPR, de onde extraí pontos de partida para reinterpretar o design: de área disciplinar a posicionamento, ângulo de visão.

Os dois últimos anos foram, portanto, uma aposta. Após conduzir uma revisão historiográfica e consolidar um acervo com

212

documentos detectados, busquei observar os registros da história de uma tecnologia por meio de seus projetos de interação ou, mais precisamente, pela mediação proporcionada por ela (Ihde, 1979).

Preciso mencionar o quanto foi valiosa a orientação da professora Luciane Fadel. Não apenas por acreditar no projeto, mas por contribuir com a última peça que faltava para esse quebra-cabeça: a ideia de que, ao descrever a metáfora da navegação como chave de acesso para essa tecnologia e sua história, eu também estava descrevendo a poética que compõe essa interação, isto é, os elementos constitutivos da relação entre os artefatos e nós, seus interatores (Laurel, 1991).

Está além de mim propor que qualquer etapa desta pesquisa esteja finalizada.

Compreender e interpretar a internet, enquanto tecnologia, é um projeto em andamento. Espero ter, pelo menos, contribuído para a forma pela qual elaboramos nossas perguntas sobre esse esparso e ubíquo conjunto de pessoas, artefatos, expressões matemáticas e ondas eletromagnéticas.

referências

BERNARD, H. R., PELTO, P. J., WERNER, O., BOSTER, J., ROMNEY, A. K., JOHNSON, A., EMBER, R. E KASAKOFF, A. The construction of primary data in cultural anthropology. *Current Anthropology*, v. 27 n. 4, p. 382-396, 1986.

EVANS, C. *Broad Band: The Untold Story of the Women Who Made the Internet*. Nova York: Portfolio/Penguin, 2018.

FORD, R. e WIEDEMANN, J. (ed.). *Web Design: The Evolution of the Digital World 1990-Today*. Colônia: Taschen, 2019.

IHDE, D. A Phenomenology of Instrumentation: The Instrument as Mediator. In: Ihde, D. (org.) *Technics and Praxis*. Dordrecht: Springer Netherlands, 1979, pp. 28-39.

LAUREL, B. *Computers as Theatre*. Pennsylvania: Addison Wesley, 1991. Disponível em: <<https://archive.org/details/computersastheat0000laur/page/n7/mode/2up>>. Acesso em 28/05/2025.

Ensaio sobre a experiência da pós- -graduação

Estêvão Lucas Eler Chromiec

introdução

Como aluno egresso do PPGDesign da UFPR, ser convidado para compor os Cadernos de Teoria e História do Design com um depoimento sobre a minha vivência no doutorado, me trouxe à memória a questão da experiência. Isso porque memorar tais vivências é inseparável da formação de si, como estudante, profissional, educador e cidadão. É a experiência que dá sentido a nós mesmos, pois, como escreveu Larrosa, “nos permite liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo” (Larrosa,

2022, p. 5). É precisamente esse processo de formação — a partir da experiência — que caracteriza o percurso de uma pós-graduação. Neste espaço somos afetados por acontecimentos, controlados ou não, que nos educam e formam o resultado ao qual chegamos. Escrever esse ensaio é, portanto, dar visibilidade a um conjunto de fragmentos heterogêneos de eventos, pessoas, grupos e instituições que marcaram os anos de 2021 a 2025, período no qual realizei o meu doutorado.

design, escrita, pesquisa

Em 2010, recém-graduado, lancei-me ao estudo das imagens e não demorou para que eu me deparasse com os regimes que as circundam e conferem a elas significados. Tais reflexões me aproximaram da pesquisa do Prof. Dr. Marcos Beccari, com quem realizei um mestrado no programa. Beccari me apresentou o livro *Design, escrita, pesquisa*, de Lupton e Miller (2011). O livro contextualizava o design em

meio às mudanças ocorridas nas sociedades ocidentais de meados do século XX, e que alicerçaram a postura pós-estruturalista que adotei como pesquisador.

No doutorado, direcionei essas reflexões a algumas teorias que demarcam a relação do design com o cinema. Com efeito, perguntei “como os artefatos que derivam dessa relação, produzem e mantêm os sentidos que são conferidos a determinados modos de vida na sociedade contemporânea?” O resultado me permitiu delimitar três imaginários — denominados de posição, (o)posição e (ex)posição — e concluir que os dois primeiros mantêm noções universais fundamentais à teoria crítica e à prática de orientação tecno-científica.

Tais imaginários ajudaram a cristalizar a maneira pela qual a relação entre o design, o cinema e a formação da subjetividade

vem sendo pensada nas sociedades ocidentais. O imaginário de (ex)posição, por sua vez, se apresenta como possibilidade transformadora, seja a partir dos filmes, ou de outros artefatos que compõem a cultura.

fragmentos heterogêneos

Dos acontecimentos que formaram a minha experiência no programa, lembro da parceria dos professores Dr. Marcos Beccari com o Dr. Felipe Prando — meu co-orientador no doutorado —, que resultou nas atividades do Grupo de Estudos Discursivos em Arte e Design da UFPR. Esses encontros me aproximaram de autores que vieram a se tornar fundamentais à minha pesquisa — Rogério de Almeida e Daniel Portugal. O seu trabalho forneceu o arcabouço teórico pelo qual relacionei, em minha tese, a formação da subjetividade aos imaginários. A saída de Beccari foi imprevista, não obstante, deixou lugar para

novas possibilidades formativas. Continuei o trabalho sob a orientação da Profa. Dra. Luciane Maria Fadel, a quem sou imensamente grato pela disposição ao aceitar o desafio de me orientar já no meio do percurso, e pelo aprendizado de novas formas de encarar não só a pesquisa em design, mas a vida e o processo de conhecer, sobretudo, nas formas de cuidado de si.

Outro acontecimento que recebe destaque em minha formação foi quando me deparei com o conceito de limites epistemológicos. O termo epistemologia já me era familiar, o destaque estava no termo limites que o acompanhava. Limites significam os cortes, o enquadramento, a postura sob a qual se observa um determinado problema de pesquisa. Tal conceito foi debatido na disciplina Estudos em Teoria e História do Design, ministrada pelos professores Dr. Ronaldo Corrêa e Dr. Juarez Filho. No meu trabalho ganhou fôlego a partir das sugestões da Profa. Dra. Cláudia Zacar,

memoria

avaliadora interna do programa que participou de minhas bancas de qualificação e defesa. Zacar me apresentou Andrew Feenberg, autor que estuda os limites epistemológicos a partir da noção de tecnologia. Para ele, os limites são entendidos como um problema da finitude humana, onde as divisas se revelam na fronteira da linguagem, do tempo, dos saberes e das tradições científicas, pelas quais damos sentido ao mundo e a nós mesmos (Feenberg, 2015).

Por fim, convém citar os acontecimentos que formaram a rede de apoio que me deu suporte. Menciono — com agradecimento — a bolsa de estudos recebida nos primeiros anos da investigação; pois o estudo foi financiado, em parte, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código financiamento 001. E os demais professores e colegas que fizeram parte do programa no período citado, em especial, Maurício Perin, Karina Machado, Leandro Catapam e Bolivar Escobar.

horizontes: presente e futuro

Um doutorado abre muitas portas, de maneira que o horizonte futuro de minha atuação como pesquisador se abre a novas possibilidades de pesquisa. Para concluir, agradeço por ter feito parte desses vinte anos do PPGDesign da UFPR, e pela oportunidade de escrever este ensaio. Se cada um percorre um caminho particular em suas vivências na pós-graduação, talvez, em muitos casos, é comum que saíamos dessa experiência transformados.

referências

FEENBERG, Andrew. Technology and human finitude. Revista de Filosofia Aurora, [s. l.], v. 27, n. 40, p. 245–261, 2015.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

LUPTON, Ellen; MILLER, Jay Abbott. Design, escrita, pesquisa: a escrita no design gráfico. Tradução. Mariana Bandarra. Porto Alegre: Bookman, 2011.

Depoimento

Leandro Tadeu Catapam

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Design, PPGDesign da UFPR, em 2021, tive uma série de lembranças positivas como egresso da graduação em Design nos anos 90 e, também, do início do programa como mestrando.

A perspectiva de voltar a estudar no nível do doutorado me foi muito promissora, acrescida pela existência da linha de Teoria e História do Design, tão importante ao campo e, também, em minha concepção sobre a área. Entretanto, o processo de desenvolvimento de minha pesquisa foi repleto de percalços que, apesar de muito difíceis de contornar, me ajudaram a valorizar a importância de um segmento de estudos nesse sentido, da teoria e história do Design.

Dentre estes percalços percebo que as dificuldades das escolhas metodológicas nesse tipo de

estudo tiveram destaque, pois em virtude de transitar entre trocas de orientadores de linhas diferentes, sempre tive a insegurança sobre as escolhas de método e metodologias aplicadas para pesquisas que são essencialmente qualitativas.

Esta instabilidade, ao mesmo tempo, gerou a liberdade e a possibilidade de customizar aspectos metodológicos dentre as frentes comumente trabalhadas no programa, independentemente da precisão das escolhas que tiveram aspectos experimentais enquanto aplicabilidade. Isso foi algo positivo, muito embora esta dificuldade seja complexa no decorrer do desenvolvimento de uma pesquisa de doutorado, pois muitos detalhes podem ser comprometidos pelas escolhas e direcionamentos.

Mas é nítido que, quando se menciona teoria e história no contexto do Design, estamos adentrando um meio em que a fluidez e a flexibilidade de fronteiras torna-se essencial, assim como em Haraway (2016), mesmo levando-se em conta a valorização dos conhecimentos parciais e localizados.

Essa autora, deveras, tornou-se um marco de aprendizado para mim em minhas vivências no programa, pois conhecer sua obra e abordagem me ajudaram muito a compreender melhor meu problema de pesquisa sobre a possível dicotomia entre o fazer manual e digital.

Nesse sentido, o doutorado traz muita riqueza ao processo de pesquisa, em virtude de se poder identificar as relações entre os conhecimentos e suas convergências, mesmo que isso possa levar ao risco das inconsistências anacrônicas que a pesquisa em Design pode incorrer. Contudo, observo que no programa esse cuidado é ressaltado e, sendo assim, há esse crescimento intelectual a partir dos enfoques que, consequentemente, ajudam a estruturar a multiplicidade da linha de Teoria e História do PPGDesign.

Outro elemento de destaque de minha vivência foi concernente à contribuição epistemológica que é possível desenvolver numa linha de pesquisa com esse enfoque. Ou seja, a construção do conhecimento em Design sempre se apresenta de forma difusa e multifacetada, no entanto, ao abrirmos espaço para o estudo da teoria num campo, amplificamos o aprofundamento do entendimento sobre ele, o que se apresenta como uma ótima contribuição para as concepções de Design contemporâneas. Ainda mais quando se percebe as mudanças e atualizações que os enfoques do Design apresentam na atualidade e que a linha de Teoria e História preza por incluí-los em suas abordagens de pesquisa.

A oportunidade de poder identificar uma lacuna na construção epistemológica do campo é algo muito fascinante e estimulante ao pesquisador. No meu caso, poder investigar e propor uma abordagem epistemológica ao fazer manual e digital, desdobran-

do-se numa aplicação no ensino do Design, revitalizou minha percepção e me ajudou a contornar as dificuldades do percurso.

Adicionalmente, poder aplicar em minha atuação como professor do ensino superior no campo, transformou-se num exercício de enxergar os impactos do estudo da teoria do Design na sua expressão prática. A aproximação dos limites entre teoria e prática mas, principalmente, o estabelecimento da teoria também como uma prática, foram aspectos de grande destaque em minhas vivências no programa.

Assim, o saldo do processo de doutorado na linha foi marcado por muitos altos e baixos, mas a conclusão de minha tese demonstrou e reforçou ainda mais a importância da existência desse perfil em pesquisa. Ter essa oportunidade dentro do programa é muito especial, mesmo que ainda muitas melhorias possam ocorrer nos processos de condução e desenvolvimento.

referências

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T. (Org). Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, versão Kindle.



Um doutorado não é feito só com a cabeça

Anna Lucia da Silva Araújo Vörös

Iniciei minha trajetória no Doutorado em Design da UFPR em 2014, como aluna especial. Na época estava trabalhando como professora substituta no curso de graduação em Design de Produto da instituição, onde também havia sido aluna. Voltar a estudar no mesmo espaço onde estava sendo professora foi uma oportunidade ímpar para exercitar a empatia, a curiosidade, o engajamento e respirar novos ares. Comecei conhecendo colegas de outros lugares e experiências e fiquei muito motivada a seguir em frente.

Naquele momento tinha certeza que queria continuar minha formação como pesquisadora

e atuar como docente em uma universidade pública. Estava recém-chegada em Curitiba, com a mente bem mais aberta e flexível após cursar o mestrado no PPGDesign da Universidade Anhembi Morumbi, onde adentrei o mundo do Design de Moda. Por lá, descobri outras visões de mundo e tive vivências únicas que a cidade de São Paulo me proporcionou. Enfrentei o metrô e os trens lotados, quilômetros de deslocamentos, trabalhei no Terceiro Setor, visitei museus, lojas, centros, vivenciei muita arte e cultura, trabalhei em ongs e espaços culturais nas periferias da metrópole.

Entrei no Programa de Pós-Graduação em Design da UFPR na turma de 2015, na Linha de Pesquisa de Sistemas de Produção e Utilização. Meu projeto de pesquisa foi investigar a história da Moda e do Design a partir de fotografias de álbuns de família pertencentes ao acervo do museu digital brasileiro MIMo – Museu da Indumentária e da

Moda. Ao longo do percurso, estabeleci minha perspectiva teórica aprendendo com os campos de estudo da Museologia e Ex-pografia, das teorias da Imagem, dos Estudos da Cultura Material e Cultura Visual, da História Oral e dos Estudos Feministas.

Para realizar esse projeto, vivi inúmeros desafios: epistemológicos, tecnológicos, emocionais, afetivos, simbólicos, práticos, econômicos... Desde as primeiras aulas como doutoranda sentia pairar no ar algo o peso de uma fala – “hum...uma pesquisa sobre uma exposição de fotografias de álbuns de família em um site de Moda é digno de se considerar como tese?!” – Também fui frequentemente inquerida a responder algo como “o que essa pesquisa tem a ver com Design?”

Um tanto disso faz parte da formação. Ora essas palavras ressoaram no meu corpo como

um incentivo, tornando-se ingredientes para fazer fermentar minhas ideias. Ora cresceram e fizeram tempestade de dúvidas e inseguranças. Um doutorado não é só feito com a cabeça.

Através da minha curiosidade, dedicação, persistência e disciplina percorri caminhos, atravessei pontes, saí de becos. Mas não fui só. Estive muito bem acompanhada em diversos momentos. A ideia de que cursar a pós-graduação e fazer pesquisa é um ato individual e solitário é extremamente enganosa. Vale sempre lembrar e relembrar isso.

Ao longo de 5 anos, o doutorado se tornou um personagem e depois uma presença cotidiana na minha vida. Comia, dormia e trabalhava com ele. Conheci e convivi com muitos outros seres também que contribuíram com o meu crescimento, amadurecimento e fortalecimento: colegas de orientação, de classe,

de interesses, autoras e autores, minha assessora de escrita...

Também pude acionar muitos mecanismos e ferramentas para aprender a conviver com o doutorado. Tive a oportunidade de ser contemplada com uma bolsa de estudos da CAPES, após o término do meu contrato de professora temporária. Circulei em eventos acadêmicos, participei da organização de dois, testei e me pus à prova. Fui aluna de disciplinas em outros dois programas de pós-graduação, o de História (na UFPR) e o de Tecnologia e Sociedade (na UTFPR). Conversei muito sobre minha pesquisa, gravei ideias, estudei, li, reli, rascunhei, escrevi. Muito e muitas vezes.

O percurso no doutorado também me trouxe muitas experiências novas e, dito no linguajar acadêmico, adentrei o mundo de novas epistemologias. Cogitei trabalhar como designer e pesquisadora em outros espaços, como os museus e institutos

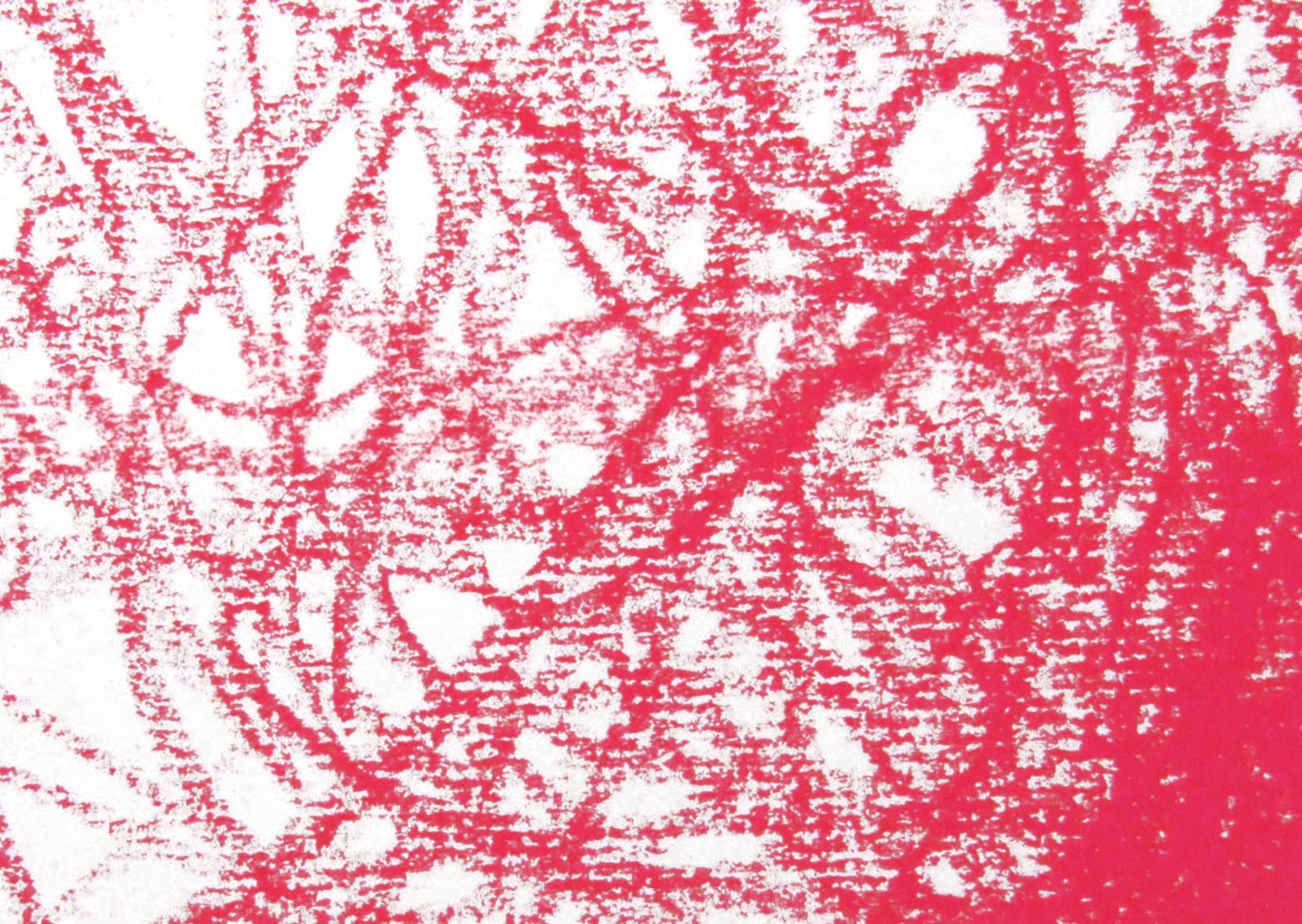
culturais. Mas, bem no meio do caminho, participei do meu último concurso público, em 2016. E foi quando assumi o cargo de professora na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), na qual iniciei meus estudos em Desenho Industrial, quando a instituição era uma escola técnica. Um conhecido me falou: “o bom filho à casa torna”. Talvez.

Lá reencontrei professoras e professoras que então se tornaram colegas de trabalho. Aproximei-me de colegas de várias áreas, estabeleci parcerias com a equipe da Biblioteca, do NU-APE. Continuei minha pesquisa sobre Design, História e Cultura Material e Visual por meio das diferentes atividades acadêmicas em que estou envolvida dos dois cursos de graduação – Bacharelado em Design e Tecnologia em Design Gráfico. Pude experimentar a atividade projetual, cerne da minha profissão, através do desenvolvimento do Plano Diretor do Campus Curiti-

ba. Venho me dedicando ao Coletivo Murais, projeto de extensão criado em conjunto com minhas alunas e alunos, fruto do projeto do edital da UTFPR de incentivo à produção artística e cultural.

Desde então venho experimentando diferentes formas de aprender e ensinar, pois sei que a trajetória acadêmica transborda pelo coração.





Entre o design e a luteria: trajetórias

Rodrigo Mateus Pereira

Embora minha formação acadêmica inicial tenha sido no campo da comunicação, na graduação em Publicidade e Propaganda, desenvolvi, paralelamente, um interesse pela construção artesanal de instrumentos musicais, em especial, guitarras e baixos elétricos, numa mescla entre o gosto pelo trabalho em madeira e a música. Como autodidata, comecei a pesquisar formas de construir esses artefatos na busca de uma formação prática como luthier amador, ao mesmo tempo em que trabalhava com marketing e mídia em veículos de comunicação e agências de publicidade.

Foi nessa circunstância que me mudei para Curitiba, onde permaneci por alguns anos me aprofundando na luteria simultaneamente à atuação na área da publicidade. Mas em 2009, minha trajetória tomou um rumo determinante quando fui aprovado em um concurso público para a docência no então surgente curso de Luteria da UFPR, função que exerço desde então.

A partir dessa transição, ingressei na pós-graduação em Design da UFPR. Ao longo de seis anos consecutivos, desenvolvi uma pesquisa contínua que articulou mestrado e doutorado em torno de um mesmo eixo temático, inserido no contexto da ainda formalmente inexistente linha de pesquisa Teoria e História do Design.

Minha pesquisa se originou de uma investigação informal sobre os construtores brasileiros de guitarras nos anos 1960, tema que, ao ser academicamente formalizado junto ao meu orientador, professor Ronaldo, transformou-

-se em um projeto sistemático de pesquisa, usufruindo de um importante diálogo interdisciplinar entre o Design e a Luteria. O objetivo central do estudo foi compreender os processos por meio dos quais um luthier se constituía como profissional e sujeito social, considerando que, à época, não havia formação institucionalizada na área.

A pesquisa buscou investigar de que maneira o “pensar e o fazer”, as intenções, os espaços de aprendizagem, os contextos socioculturais e os atravessamentos políticos influenciavam na constituição de um construtor de guitarras. A questão

que mobilizou tanto a dissertação quanto a tese foi: como um sujeito passa a se reconhecer — e ser reconhecido — como luthier em um cenário marcado pela ausência de referências formais e acadêmicas?

Para a realização empírica das investigações, realizei viagens a São Paulo e ao Rio Grande do

Sul, onde entrevistei — por meio de roteiros semiestruturados — artesãos que atuaram na construção de instrumentos musicais na década de 1960. Na dissertação, foquei nos métodos e processos técnicos de trabalho desses construtores, enquanto no doutorado aprofundi a análise por meio das trajetórias pessoais, experiências de formação e contextos sociais de atuação dos entrevistados. **A abordagem metodológica foi ancorada nos princípios da história oral, o que permitiu construir uma narrativa densa e sensível sobre personagens e práticas até então pouco documentadas.**

Os resultados dessas investigações culminaram não apenas na produção das teses acadêmicas, mas também em textos científicos, atividades de extensão, conteúdos didáticos para o ensino de luteria, palestras e apresentações públicas. Além disso, encontra-se em andamento o projeto de publicação de um livro

que sistematiza essas histórias de vida e trabalho, contribuindo para o registro e a valorização da memória de um ofício pouco difundido e sem registros formais disponíveis.

Mais do que ampliar o repertório documental sobre a Luteria brasileira, essas pesquisas também trouxeram implicações metodológicas e epistemológicas relevantes para o estudo da construção de instrumentos musicais. A consolidação do uso da história oral como método de pesquisa pertinente e a incorporação do pensar luteria como área teórica permitiram não apenas novas articulações interdisciplinares, mas também a legitimação da luteria como campo de reflexão crítica e produção de conhecimento acadêmico, além do enriquecimento da historiografia do design brasileiro e o fortalecimento dos vínculos entre saberes tradicionais e práticas projetuais contemporâneas.



Vitrines de memórias

Valéria Faria dos Santos Tessari

Orhan Pamuk é um contador de histórias e um colecionador de coisas cotidianas. Juntando suas duas habilidades, Pamuk escreveu o romance “Museu da Inocência” (2008) e criou o próprio “Museu da Inocência” em uma casa na região central de Istambul, em 2012. Livro e museu materializam 83 pequenas histórias e 83 vitrines. As histórias formam um romance e as vitrines expõem objetos cotidianos que as animam. Pamuk pensa que pequenas histórias cotidianas são o futuro dos museus. Penso com ele que essas pequenas histórias são o futuro da memória.

Gosto muito da ideia de Pamuk, então quando fui convidada a relatar minhas vivências de formação e pesquisa no PPGDesign/UFPR, que completa 20 anos celebrados neste número comemorati-

vo dos Cadernos de Teoria e História do Design, pensei em seguir seus rastros, criando vitrines de objetos e pequenas histórias para falar sobre o que vivi.

A primeira vitrine é sobre roupas. Nela, estão roupas e fotografias de minha infância, meus duvidosos croquis de moda feitos na faculdade, um sapato produzido numa das fábricas onde trabalhei, fotografias com as bancas de mestrado e doutorado e com minhas/meus colegas de formação.

Sempre pensei sobre roupas. Primeiro, a partir de experiências pessoais, sensoriais, depois na graduação e no mundo do trabalho, até chegar à Pós-Graduação, onde pesquisei sobre como pessoas constituíram seus lugares no mundo por meio da produção e do consumo de moda¹.

A segunda vitrine é sobre minha pesquisa de doutoramento, e nela apresento uma loja chamada Louvre. São imagens da loja, anúncios de jornal, um pedaço de seda originária do estoque da loja, uma linda reprodução da fotografia de duas moças passeando pela Rua XV de Novembro, em 1942. O Louvre foi uma loja de tecidos de Curi-

tiba (1935-1983), localizada à Rua XV de Novembro, 245, que teve acentuada importância na vida de moradoras/es, especialmente de mulheres de classes mais abastadas. A partir desta loja investiguei como mulheres circularam pelos e a partir dos seus espaços e construíram sociabilidades urbanas por meio do consumo de moda entre os anos 1935 e 1945. Utilizei anúncios de jornais, notas, colunas, crônicas, fotografias, manuscritos e pude reconstruir práticas comerciais do Louvre, que extrapolaram transações de venda, funcionando como mediadoras entre mulheres e cidade. Isto permitiu inscrever a presença de mulheres de elite nos espaços públicos de Curitiba, desconstruindo a ideia de que elas estiveram restritas aos espaços domésticos.

A próxima vitrine contém fotografias de eventos marcantes nos anos de formação: o congresso “Moda Documenta” e a intervenção em crochê do coletivo efêmero “Mãos Urbanas”. Há imagens gerais do congresso, de apresentações de trabalhos e de atividades culturais. As fotografias mais especiais são uma sequência de instantâneas com minhas amigas feita em uma cabine instalada no evento, e as fotografias da intervenção urbana.



Há também peças de crochê remanescentes, um mapa com os pontos onde foram instaladas, novelos e agulhas e a carta da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR autorizando a instalação de uma grande peça de crochê nas colunas do Prédio Histórico, na qual o assessor escreveu à mão: “Excelente ideia envolver as colunas do prédio histórico com crochê!”.

Integrei a equipe de organização desses eventos, em Curitiba, 2016. Atuei nas ações culturais que abarcavam exposições, bazar, livraria, ateliês abertos, desfile e a intervenção em crochê, que foi pensada para identificar os diferentes locais onde ocorreriam atividades do congresso, como Reitoria e Prédio Histórico da UFPR, Museu Paranaense, Memorial de Curitiba e mais 10 pontos no centro da cidade. Além disso, ao envolver com crochê colunas de concreto, paredes, bancos e árvores tivemos a intenção de dizer à cidade que podemos criar novas maneiras de nos relacionarmos com os espaços urbanos.

A vitrine que finaliza este relato é sobre rumos e futuros. Nela há livros que li durante a formação, cópias da dissertação e da tese, outros livros lidos nos

anos recentes e livros que estou lendo agora sobre História e Museologia. Há cadernos e documentos que indicam que voltei a ser aluna. Há também alguns exemplares de um periódico acadêmico, a revista dObra[s].

Após terminar o doutorado, fui convidada para a equipe editorial da revista dObra[s], o mais longo periódico científico brasileiro que divulga pesquisas sobre moda e suas relações com as ciências humanas, sociais e sociais aplicadas.

Este ano, partindo do que desenvolvi durante minha formação no PPG-Design, sigo ampliando meus conhecimentos, pesquisando sobre moda e fotografia em Curitiba em um novo doutorado, no Programa de Pós-Graduação em História da UFPR. Ao mesmo tempo, ingressei na graduação em Museologia na EMBAP/UNESPAR, onde tenho vivido experiências felizes, estudando e pensando sobre museus, pessoas e coisas, e fazendo novas conexões.

Percebo como estes temas me afetam e atuam sobre minha maneira de pensar sobre minhas experiências de formação. Sinal nítido disso são as vitrines do

museu de Pamuk e as suas pequenas histórias que inspiraram este relato. Sinto que o futuro da memória são as pequenas histórias.

referências

PAMUK, Orhan. O museu da inocência. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.



Escutar, fazer, compreender: vivência acadê- mica entre sons e saberes

Juarez Bergmann Filho

Este relato parte de minha trajetória como violinista e professor, atravessada por transformações que me levaram ao campo do design e da cultura material. Comecei a estudar violino ainda criança, e por muito tempo meu foco esteve na performance: estudar, tocar em palco, ensinar técnica etc. A formação musical foi intensa e bastante voltada à prática do instrumento, mas, aos poucos, fui percebendo que o universo do violino era muito maior do que apenas “tocar”. Sempre entendi, a partir de minhas vivências e dos ensinamentos de meus mestres, que havia muito mais a ser explorado: história, cultura, memórias, repertório, construção coletiva. Essa percepção aguçava minha curiosidade e me levava a buscar caminhos que pudessem dar conta dessas outras dimensões que se apresentavam com o tempo.

Durante o mestrado, essa inquietação foi canalizada para o estudo da aquisição e transmissão da técnica violinística. **Me interessava observar como o saber técnico se forma nos corpos, como circula entre pessoas e se manifesta em contextos pedagógicos específicos, especialmente nos primeiros estágios de aprendizado.** Tratava-se de uma pesquisa documental, em que os materiais analisados atravessavam diferentes tempos, lugares e abordagens, conectando práticas de ensino com registros históricos e culturais. Esse cruzamento metodológico me levou a perceber que história e cultura se complementam na compreensão dos processos formativos da habilidade. A técnica violinística, nesse sentido, deixou de ser vista como um tema isolado e passou a ser compreendida como parte de uma rede mais ampla de sentidos, construções e modos de transmissão do saber.

Ao ingressar no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Design da UFPR, passei a ter contato mais direto com um campo ampliado de reflexão, que me levou a considerar outras formas de produção de conhecimento, outras materialidades e práticas. Fui parte da primeira turma

de doutorado do programa, em um contexto em que um grupo de pesquisadores passou a se articular em torno do campo teórico da Cultura Material. Esse movimento delineou um direcionamento teórico-metodológico que valorizava o compartilhamento de referências e procedimentos, além de uma construção coletiva de perspectivas críticas. Havia um espírito colaborativo muito forte, com encontros, debates e projetos que valorizavam o saber coletivo. Essa convivência foi determinante para o amadurecimento da minha pesquisa.

A tese, intitulada Artífices, Artifícios e Artefatos: Narrativas e Trajetórias no Processo de Construção da Rabeca Brasileira, se debruça sobre os modos de fazer e as formas de transmissão de saberes entre luthiers populares, especialmente na Comunidade Mandicuera, na Ilha dos Valadares (PR). **O foco deixou de ser exclusivamente o ensino formal de outrora e passou a contemplar também as relações construídas em espaços informais, nos gestos que ensinam sem precisar de palavras, nos contextos sociais e culturais que moldam as práticas.** Nesse processo, a rabeca revelou-se não apenas

objeto de estudo, mas um elo entre histórias, pessoas e territórios, todos em constante transformação.

A leitura de Richard Sennett e Daniel Miller foi particularmente importante. Sennett me ajudou a entender a técnica como forma de pensamento e a prática como espaço de aprendizagem contínua. Já Miller trouxe uma perspectiva valiosa sobre o papel dos artefatos e das materialidades na constituição de sujeitos e de relações sociais. Esses autores, entre outros, me ajudaram a compreender os instrumentos musicais não apenas como meios para a produção sonora, mas como artefatos inscritos em trajetórias, carregados de sentidos e experiências incorporadas. Em muitos casos, funcionam como testemunhas da vida: acompanham pessoas, acumulam marcas, memórias, e permanecem como registros materiais de práticas e vínculos que os atravessaram.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, acompanhei de perto o trabalho de artífices, me envolvi em oficinas, conversei com luthiers, observei processos, compartilhei momentos de construção e música. A observação participante, o diário de campo e a prática musical foram

ferramentas fundamentais. **Entendi que certos aprendizados não se dizem, se fazem, se revelam. Que há conhecimentos que passam de um corpo a outro por meio de gestos, olhares e repetições. Esse tipo de aprendizado, que chamei de “diálogos sem palavras”, foi central na minha análise.**

A experiência no PPG-Design me possibilitou olhar para minha própria trajetória de maneira mais crítica. Entendi melhor o lugar que o violino ocupa na minha formação, como ele moldou minha percepção, minha visão de mundo, minha escuta e até meus referenciais teóricos. Também passei a enxergar com mais clareza o valor dos saberes populares e das práticas tradicionais, muitas vezes negligenciadas pela academia e pelos palcos.

Após a conclusão do doutorado em 2016, retomei com mais intensidade minhas atividades no Curso de Tecnologia em Luteria da UFPR. Tenho me dedicado ao ensino, à orientação de pesquisas e à articulação entre prática e teoria, sempre buscando valorizar os contextos culturais dos instrumentos, seus modos de fazer e seus significados. Voltei também a tocar violino com mais frequência, talvez

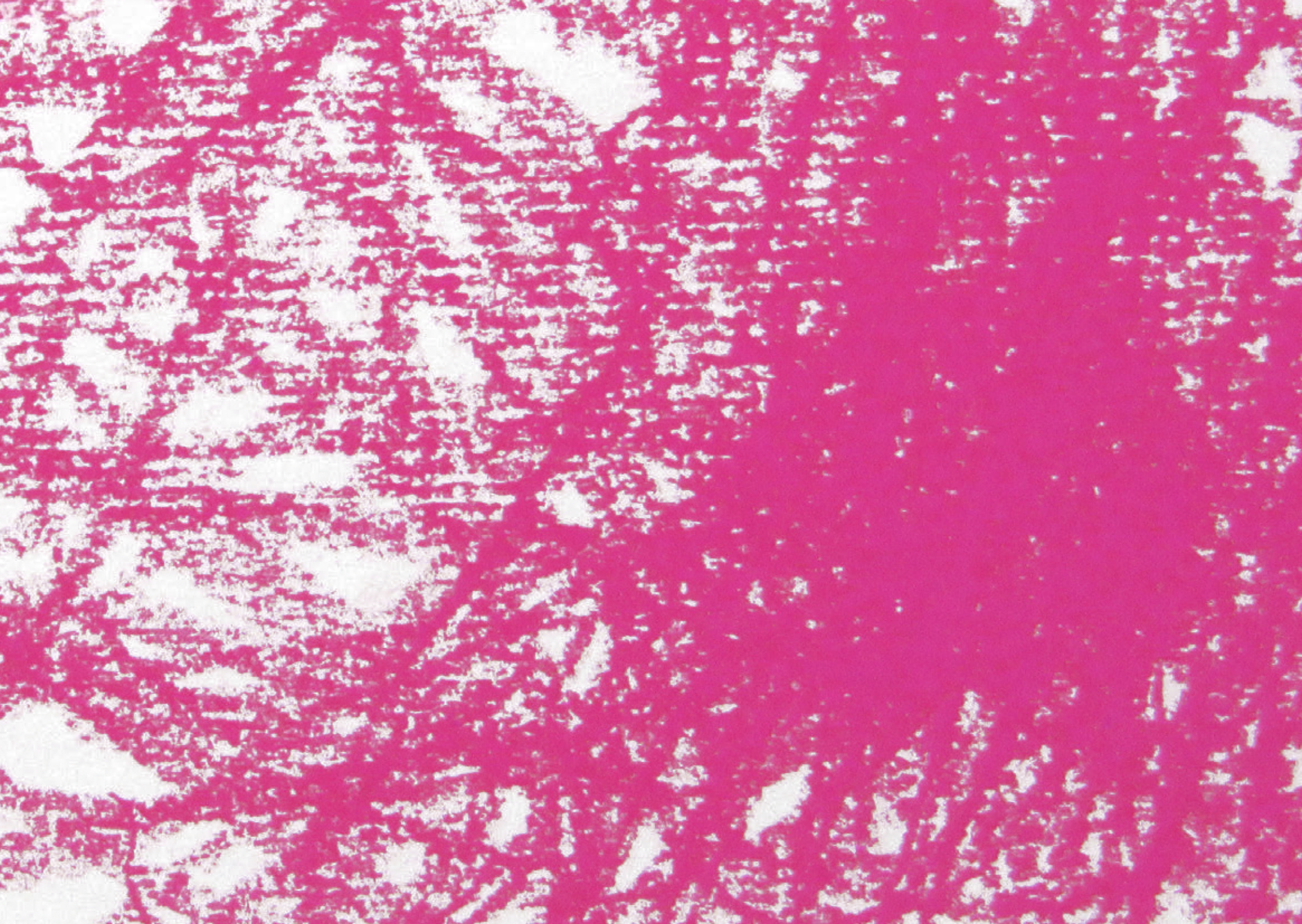
não mais com os mesmos objetivos de antes, mas com um olhar renovado pela experiência da pesquisa.

Entre os projetos em andamento, destaco a atuação no Museu dos Instrumentos Musicais da UFPR (MIMU), que se consolidou como um espaço de intersecção entre ensino, extensão e pesquisa, possibilitando conexões entre a prática da luteria e os debates teóricos sobre Cultura Material. Somam-se a isso as ações desenvolvidas no âmbito do Curso de Luteria, que têm permitido aprofundar a compreensão dos instrumentos musicais como artefatos culturais, envolvidos em dinâmicas sociais, econômicas e simbólicas. Tenho também orientado pesquisas que exploram essas dimensões, com foco nas articulações entre instrumentos musicais, design e cultura material. Meu interesse permanece voltado à investigação das relações entre instrumentos, pessoas e contextos, com o objetivo de contribuir para a documentação, o reconhecimento e a valorização das luterias brasileiras no campo acadêmico.

A vivência no PPG-Design foi significativa. Não apenas pelo título ou pela finalização da tese, mas pelas redes de cola-

boração, pelos deslocamentos teóricos e metodológicos e pela possibilidade de repensar a minha própria prática docente e artística. O doutorado foi, para mim, mais uma etapa em um percurso que continua em aberto. Ainda sigo tentando compreender como aprendemos, como ensinamos e como nos relacionamos com aquilo que fazemos com as mãos —
e com o corpo inteiro.





Sobre as(os) autoras(es)

Ronaldo de Oliveira Corrêa

Mestre pelo PPGTE/UTFPR (2003). Doutor pelo PPGICH/UFSC (2008). Em 2007 realizou estágio de doutoramento no México, no Posgrado en Ciencias Antropológicas da Universidad Autónoma Metropolitana - Unidad Iztapalapa, na área de políticas culturais. Recebeu o Prêmio Capes de Teses - edição de 2009. Estágio de pós-doutorado CAPES no PPGAS/UFRGS (jul de 2012 a jul de 2013). Atualmente é professor na Universidade Federal do Paraná UFPR, onde atua na graduação e pós-graduação. Áreas de interesse: cultura material, teoria e história do design, sistemas técnicos e tecnologia, produção e crítica de imagem.

Yasmin Fabris

Professora adjunta do Departamento de Design da Universidade Federal do Paraná e professora do Programa de Pós-Graduação em Design (PPGDesign-UFPR). Doutora em Design pela Universidade Federal do Paraná e Doutora em Ciências Sociais na Universidad de Chile (cotutela). Mestre em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, na linha de pesquisa Mediações e Culturas. Integra o Laboratório de Estudios Inter-

disciplinarios e Investigación Aplicada: Museos y Museologías en el Chile Contemporáneo. Participa dos Grupos de pesquisa: Teoria, História e Crítica do Design e Atividades Projetuais (UFPR), Design e Cultura (UTFPR) e Núcleo de Artes Visuais (NAVIS). É pesquisadora do Núcleo de Sociología del Arte y las Prácticas Culturales da Universidad de Chile e Integra a Red de Estudios Visuales Latinoamericanos (RevLat). Desenvolve pesquisa sobre as seguintes temáticas: cultura popular, cultura material, história do design, museus e exposições e visualidades latino-americanas.

Bruna Carmona Bonifácio

Designer, Professora Doutora e Pesquisadora. Sou uma mistura daquelas(es) que me cercam. Tive a sorte de estar cercada (e o alento de manter) de mulheres artesãs, costureiras, artistas, designers, criativas, que me incentivam a ser curiosa e persistente; e de homens que auxiliam no abrir espaços. Sigo apaixonada por estampas e texturas, pelos seus processos de criação e pelas histórias daquelas(es) que as fazem.

Bolívar Teston de Escobar

Nasceu em Erechim, no Rio Grande do Sul. É mestre em Design de Sistemas de Informação e doutor em Teoria e História do Design pela Universidade Federal do Paraná. Trabalha como designer na Positivo, onde atua no desenvolvimento de produtos e serviços para a área da educação. Seus interesses de pesquisa voltam-se para a história da técnica e da tecnologia e para as intersecções entre questões filosóficas e práticas projetuais.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6255105942364378>

OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-0573-4284>

Estêvão Lucas Eler Chromiec

Doutor em Teoria e História do Design pelo programa de Pós-graduação em Design da UFPR (2025), com pesquisa sobre as relações entre design e cinema. Mestre em design de Sistemas de Informação pela mesma instituição (2020), com pesquisa sobre as relações entre design e artes visuais. Possui graduação em Desenho Industrial - Programação Visual pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2010). Interessa-se por ilustração, storyboarding, concept design e desenvolvimento visual para publicidade e entretenimento. Dedica-se ao estudo da visualidade, com foco em cinema, desenho, pintura, ilustração e nas relações entre os campos do design, artes visuais, cinema, publicidade e filosofia. Foi aluno do PPGDesign da UFPR entre os anos de 2018 e 2025.

Leandro Tadeu Catapam

Atua como professor no curso de Design da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, dedicando-se ao estudo da linguagem experimental aplicada ao campo por meio da colagem e imagem em movimento, agregando abordagens centradas em aspectos históricos e filosóficos dos discursos produzidos pelo Design.

Anna Lucia da Silva Araújo Vörös

Doutora em Design pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2019). Mestre em Design pela Universidade Anhembi Morumbi – UAM (2012). Graduada em Design de Produto pela Universidade Federal do Paraná – UFPR (2008) e Técnica em Desenho Industrial pelo CEFET-PR (2001). É professora ad-

junta da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, onde atua desde 2016 como professora do Departamento de Design (DADIN - Campus Curitiba). Integra a Comissão de Cultura do Campus Curitiba da UTFPR e coordena o projeto de extensão “Coletivo Murais”. Atualmente dedica-se à pesquisa sobre cultura material e visual, teoria e história do Design, design de exposições e educação em Design.

annavoros@utfpr.edu.br

Rodrigo Mateus Pereira

Luthier e Professor do Curso Superior de Tecnologia em Luteria da Universidade Federal do Paraná. Mestre em Design pela UFPR e bacharel em Publicidade e Propaganda pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutorando em Design no PPGDesign UFPR. Pesquisa técnica e tecnologia na luteria, histórico da fabricação de instrumentos no Brasil e a cultura e design da guitarra elétrica.

Valéria dos Santos Tessari

Doutora em Design (UFPR), doutoranda em História (UFPR) e mestra em Tecnologia e Sociedade (UTFPR), na linha de Mediações e Culturas. Graduada em Design de Moda (FURB) e graduanda em Museologia (Unespar/Embap). Editora da Revista dObra[s] e integrante do grupo História e Cultura de Moda (UFJF). Pesquisa história da moda e cultura material, consumo de moda e história das mulheres.

Juarez Bergmann Filho

Graduado pelo curso de Bacharelado em Violino pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Mestre em Música pela Universidade Federal do Paraná. Doutor em Design pela Universidade Federal do Paraná. Foi pesquisador visitante no Departamento de Música da Universidade da Califórnia, em Riverside, nos Estados Unidos da América atuando pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior - CAPES. Atuou como músico profissional camerista e como membro da Camerata Antiqua de Curitiba e Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba. É professor do Curso Superior de Tecnologia em Luteria e do Programa de Pós-graduação em Design na UFPR. Participa do grupo de pesquisa em Teoria, História e Crítica do Design e Atividades Projetuais. Os temas de interesse abrangem as pesquisas sobre: As relações entre sujeitos e artefatos localizadas em circuitos de produção, circulação e uso. As Articulações do conceito de artífice (artista/artesão) na criação de artefatos. Como processos de criação coletiva são percebidos em circuitos de produção. Pesquisas sobre a biografia de artefatos e a biografia laboral de artífices. Pesquisa também sobre a Cultura e Práticas do Violino e da rabeca Brasileira em específico e a construção e práticas de Instrumentos Musicais em geral. É editor chefe e criador da Revista Brasileira de Luteria, <https://revistas.ufpr.br/luteria/index>.



Os cadernos de Teoria e História do Design caracterizam-se por publicar textos em processo, experimentações com os gêneros acadêmicos, exercícios de disciplinas, vinculados à linha de Teoria e História do Design (THD) do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Paraná (PPGDesign-UFPR).

No terceiro volume a proposta foi ampliada para incluir nessa lista os depoimentos de egressos do PPGDesign-UFPR. Isso se dá em função das comemorações de 20 anos do PPG e os 50 anos dos cursos de Design Gráfico e de Produto da UFPR.